

FOLHA DE VILLA VERDE

REDACTOR PRINCIPAL — GASPAR LEITE

Representante da empresa e responsavel — MANOEL JOAQUIM ANTUNES

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS — Anno 1.800 réis. — Semestre 800 réis. — Anuncios cada linha 40 réis, pagos antes da publicação do primeiro annuncio, communicados 30 réis a linha. A correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal, na sede da redacção em BRAGA, Campo de Sant'Anna.

Villa Verde—1887

A ELEIÇÃO DE VILLA VERDE

Está finalmente approvada a eleição do circulo de Villa Verde e Amares e proclamado deputado o snr. Augusto Pimentel.

Congratulamo-nos sinceramente com este facto, e cremos que ninguem se regosijará mais com elle que o cavalheiro, nosso amigo, directamente interessado no pleito.

A eleição que no dia 6 do passado mez de Março se realisou n'este circulo, foi eivada de grandes illegalidades e sobrotudo de monstruosas immoralidades. D'estas, algumas tinham na lei o seu correctivo; outras, porém, não o podem encontrar senão na consciencia publica que se tem manifestado calorosamente a nosso favor, stygmatisando as traições covardissimas que nos foram feitas e apontando ao dedo os que se locupletaram com os favores e força do partido progressista, para agora empregarem, como arma contra elle, essa mesma força que, pelos proprios meritos, nunca poderiam adquirir!

Demais, o resultado da eleição foi honrosissimo para o partido governamental e para o

seu candidato. A differença de oitenta votos a favor da opposição, entrando n'este numero muitos mortos e ausentes, (1) não pôde de fórma alguma empanar o brilho do verdadeiro triumpho alcançado pelo candidato progressista, nem offuscar a gloria d'essa lueta que ha-de ficar para sempre gravada nos annaes politicos d'este concelho.

Isto assente, levantada como ficou bandeira e a honra do nosso partido — e tendo os nossos correligionarios d'este circulo quem no parlamento defenda os seus direitos, visto que outro circulo conferiu o mandato ao nosso candidato — o interesse do partido progressista d'este concelho é justamente que o snr. Pimentel seja o deputado e que vá assumir as responsabilidades que contrahiu, sejam ellas collectivas para com o circulo, sejam particulares para com os que, licita e illicitamente, contribuíram para a sua eleição.

Se assim não fóra, haveria ainda margem para illusões e logar para esperanças...

O snr. Pimentel, deputado,

(1) Só n'uma freguezia votaram a favor do snr. Pimentel cerca de dezoito mortos, alguns dos quaes o são ha vinte annos, e seis ou sete ausentes no imperio do Brazil!

nao poderá fugir aos dissabores da posição que se creou.

Esta é a nossa desforra d'agora; uma outra ha que virá mais tarde. Dos compromissos tomados com os seus influentes e grandes eleitores nada queremos saber nem nos importa. Quo lhes pague ou que os caloteie, tudo nos é indifferente. O que nós porém podemos exigir-lhe, como eleitores e como membros d'este tribunal, são as contas dos seus actos como deputado do circulo. Essas havemos de pedir-lh'as tanto mais estreitas, quanto maiores são as responsabilidades de s. exc.ª, a quem cabe a culpa de ter posto o circulo em lueta violentissima, causando a quebra d'antigas relações particulares, d'amisados quasi fraternaes, e indispondo amigos contra amigos, familias contra familias!

Não se abrem impunemente estas ulceras, na vida tranquilla d'um povo!

Por isso folgamos de ver no parlamento o snr. Pimentel, arcando com os incommodos da sua posição, nem gloriosa nem invejavel.

Sustente-se n'ella como poder e sober, visto que está escripto que é necessario que esta terra tenha ainda um desengano! Venha elle, e não nos seja levado a má conta este

egoismo partidario, que nos faz estimar a approvação da eleição de Villa Verde, tanto como os mais facciosos partidarios do snr. Pimentel.

PEROLAS E DIAMANTES

O PARAISO DAS CREENÇAS

Era n'um paiz longinquo, banhado de sol purissimo, onde a natureza se desenhava com as mais risonhas fórmas...

As aves tinham nos seus cantos suavissimos uma modulação extranha. Os regatos prateados derivavam por sobre os tapetes floridos e macios como a face setinosa d'uma mulher ideal. Pareciam feitos de lagrimas.

O ceo, continuamente azul, sem nuvens que o empanassem, mostrava-se a toda a hora purissimo de luz, cortado de onde a onde pela aza iriada das aves que vagabundeavam á mercê das brisas mansas, como n'um berço de camelias desfolhadas.

A planicie era extensa e variada de mil paisagens phantasticas de cores e desenhos, enobrecida pela côma ramalhuda das arvores serenas, mudas, e extaticas ante a belleza das proprias fórmas.

Havia sempre na atmosphera uma combinação de canções de aves e de perfumes de flores, que deixavam a alma embriagada de doçuras.

E entretanto, as pobres crean-

ças que viviam ali aparentemente felizes, no meio d'aquella natureza cheia de felicidades, coberta pela concha azul do ceo — não se cançavam de chorar o seu abandono.

Não se cançavam de chorar...

As aves, as flores d'aquella paiz, não lhes davam cantos nem perfumes que suavisassem a sua magua profunda. O corpo tenro e macio das gentis creanças vivia docemente, envolvido na gaze fina dos mil perfumes deliciosos que se evoluavam na atmosphera; mas o coração, aquelle pequenino coração, que logo se macula ao toque passageiro das dôres mais leves, sentia-se comprimido, esmagado, como sob a pressão d'uma barra de chumbo que lhe pezasse.

Pobres creanças!... As vezes o murmurar subtil dos regatos, que corriam pelos verdes bosques de plantas caprichosas, parecia o modular funebre d'uma elegia, cantada pela bocca de monstros infernaes, n'uma noite triste, sem luar.

As lagrimas banhavam-lhes as faces continuamente.

Mas um dia alguém notou a sua magua; alguém que por ali passou, sem ser percebido, viu as tenras creanças a chorar. E logo, compungido pela dôr agudissima que aquellas lagrimas innocentes imprimiram no seu coração amavel, procurou minorar-lhes o soffrimto.

Uma nuvem toldou então o ceo — até alli tão sereno, tão

FOLHETIM

VENTO DA NOITE

POEM

GUSTAVO DROZ

(Continuado do n.º 91).

Como foi que me encontrei, dez minutos depois, a fumar um cigarro na escadaria que da sala desce para a quinta, ser-me-hia impossivel explicar. Quando digo «fumando um cigarro» digo mal, o que eu fazia era mastigal-o com furia, percorrendo a passos largos a varanda; subiam-me á cabeça baforadas de vergonha, e logo em seguida sentia-me gelado. Daria dez annos da minha vida — diabos me levem! — para poder partir um copo ou matar uma pessoa n'aquella occasião.

Estava n'isto quando senti que alguém que sahia da sala me dava um encontrão. Voltei-me e achei-me face a face com o tal Alfredo de Baron, o homem

dos cabellos ruivos, o sujeito da minha quizilia.

É de crêr que eu tivesse n'esse momento uma physionomia estranha, porque, ao vêr-me, de Baron sentiu-se accommettido de um riso irresistivel, que só pôde dominar d'alli a instantes.

— O senhor está muito alegre? disse-lhe eu.

Tinha feito esforços heroicos para dar ás minhas palavras uma jovialidade amavel, mas sentia que o meu timbre de voz era lugubre. Eu levava ao seu auge o meu ridiculo zangandome, mas era impossivel deixar de me zangar. Não se calculam os esforços inauditos que eu fazia para não saltar ás guellas d'aquelle homem.

Elle hesitou um momento antes de me responder; depois, sorrindo com certa insolencia:

— Para lhe fallar com franqueza, não vejo motivo para estar mais triste hoje que de costume.

Tirou da algibeira uma caixa de phosphoros e esfregou um d'elles n'um dos degraus da escada, segurando na bocca o cigarro já preparado. Infelizmente corria algum vento, e os

phosphoros foram-se apagando todos.

— É difficil lutar com... o vento da noite, disse elle demorando a voz com certa affectação, não acha?

— Acho-lhe chiste de mais, meu caro senhor.

— Ah! isso não, embora não conteste que tenho algum, tornou elle meio a sério, meio a rir. O que é porém verdade é que tenho muita força sobre mim mesmo, de fórma que diante de gente sei suster-me e os meus... chistes não incommodam ninguem.

— Mas quando está a sós com alguém deixa de poder suster-se, não é assim? Tambem eu. Nunca pude resistir, estando com um malcreado, ao desejo de lhe dizer o meu modo de pensar.

— Não o percebo, acrescentou elle com muito sangue frio.

— Pois é bem claro, o que o senhor é...

— Socegue, meu caro senhor; vá dar uma volta pela quinta, comprehendo a sua irritação, mas eu é que não sou homem para aturar os seus... descuidos, mesmo n'este momento.

Elle tinha toda a razão em me aconselhar que socegasse; mas o seu sangue frio não fez senão augmentar a colera que me invadira.

E eu sentia-a crescer; secava-se-me a garganta, zuniam-me o sangue nos ouvidos, e havia para mim um gosto estranho em reconhecer que resvalava por uma ladeira ao fundo da qual estava uma tollice qualquer. A colera faz-me sempre lembrar a sensação que davam outr'ora as montanhas russas. Leva seu tempo a decidir-se a gente; mas quando se vae a caminho, sente-se uma deliciosa embriaguez.

Elle ia a retirar-se, mas eu segurei-o.

— Embirro devêras com o senhor! disse-lhe, encarando-o muito fito.

Estava sendo absurdo, tinha a consciencia de que o era.

— Pois sinto immenso, disse elle encaixando debaixo da sobancelha o seu monoculo, tanto mais que a sua cara me não desagradava, pelo contrario até me divertia.

— O senhor é um insolente, percebe? um in... so... lente!

— E o senhor um tolo. Viu-se já uma coisa assim? Diabos me levem, se isto não é uma verdadeira in...

Não concluiu a phrase.

Eu estava realmente doído; parecia-me que toda aquella gente que estava na sala me perseguia com uma inalteravel gargalhada, e atirei á face esquerda do Baron uma bofetada mais violenta do que era preciso.

Quando me recordo agora d'esta aventura, penso ainda que estou a sonhar.

Julguei por um instante que o rapaz de cabello ruivo ia atirar-se a mim; mas elle socegou de repente, e, com voz vibrante e sacudida, limitou-se a dizer:

— Hei-de corrigil-o dos seus accessos, hei-de corrigil-o.

E foi-se embora.

Passsei um pedaço na quinta.

Andava depressa, tinha febre; mas em summa estava mais á minha vontade.

A questão parecia-me complicada; pelo menos já não podiam rir-se de mim.

(Continua).

limpido, onde nem a aza branca das aves, que vojavam, fazia nodoa. A nuvem desceu, até tocar na terra. Fez-se uma noite escuríssima n'aquelle paiz — outr'ora illuminado pela luz sempre viva d'uma aurora permanente.

As palpebras das pobres abandonadas seccaram no mesmo instante. A ultima lagrima estancou...

Pouco depois a nuvem subia de novo, levando envoltas no arminho das suas tendas todas as creanças que alli viviam já sem chorar. A viagem foi rapida e serena. Apenas a nuvem tocou de leve na cupula celeste, a abobada fendeu-se de repente e as creanças entraram no ceo, ao som das vozes deliciosas dos anjos que diziam as canções mais doces.

Que profusão d'oiros! que esplendor de pedrarias! O olhar das pobres creanças embriava-se na contemplação muda de todo aquelle esplendor; chegava a confundir-se com elle n'um laço mysterioso.

A riqueza dos palacios de diamantes, o brilho faiscante da luz que jorrava em ondas por todo o ceo, as azas dos seraphins, os cantos dos anjos — parecia tudo envolvido na phantasia d'um sonho.

As creanças, porém, cercadas por todos aquelles esplendores, viviam ali só aparentemente felizes. No seu rosto macio denotava-se a magua intima que as fazia entristecer e chorar. Nada as divertia, nada lhes impedia as lagrimas que choravam.

O cortejo dos anjos, com as suas azas cõr de rosa e com as suas fallas meigas e acariciadoras, trazia lhes saudades do mundo d'onde as haviam arrancado. Apesar das mil caricias com que procuravam deliciar-lhes a alma, as pobres creanças não se cançavam de chorar o seu abandono.

Não se cançavam de chorar... Os coros dulcissimos de musica, que a principio lhes feriam suavemente o coração, as notas sublimes dos mil instrumentos que se perdiam como beijos em debandada, não as faziam rir, não as faziam alegrar.

Tudo para ellas era solitario; e apesar da luz clarissima que illuminava todo o ceo, ellas viviam n'uma treva completa, n'uma região escura, em que apenas bruxuleava a luz da saudade, muito a medo, n'um horizonte longinquo.

As pobres creanças não se cançavam de chorar. As lagrimas banhavam-lhes as faces continuamente.

Um dia, porém, a musica dos anjos cessou de se ouvir, toda a luz que banhava o ceo apagou-se repentinamente. Fez-se a noite — noite tenebrosa, em que parecia ouvir-se o murmurar de conversas mysteriosas, no escuro, pronunciadas pela bocca de monstros invisiveis. As aves nocturnas faziam, nos seus vôos arrebatados, estalar as azas negras c'um estalido secco, como de laminas de espadas que se batiam.

As creanças tinham adormecido no seu berçosinho macio. Nada ouviam, nada sentiam. Entretanto, em sonhos, perceberam que eram levadas n'uma viagem serena, através do espaço, baixando sempre, sempre, adormecidas sobre o dorso das aves brancas que ellas tinham visto lá cima com as azas distendidas, brilhando sob a luz

finissima do sol claro que lá fazia.

Ao tocarem em terra, as aves voaram de novo para o alto, e o berço começou a ondular então na terra, mansamente, como que movido n'um mar de leite.

Depois, meio acordadas, ouviram uma canção dolente, repressada de meiguices, cuja toada ellas haviam conhecido quando viviam no mundo, livres de todo aquelle esplendor de ceos onde tantas lagrimas haviam chorado.

Muitas vezes tinham adormecido docemente ao som d'aquella cantiga serena, e dôce como os labios d'onde sahia...

E a esta simples recordação despertaram no mesmo instante. Nos seus rostos macios denotava-se a felicidade intima que sentiam no seu coração.

Lançaram os bracitos tenros fóra das colchas do berço, foram beijar a mãe que lhes sorria, pronunciando-lhes apenas o nome.

Depois d'isto nunca ninguem mais as viu chorar.

ADOLPHO PORTALLE.

CHRISTUS REX

I.

Eil-o, ao Golgotha vae suando em lagas
O arvalho da agonia.
Já pelos rubros labios de cem chagas
Saúda o novo dia!

A purpura real leva cingida
Por derradeira affronta.
Sobem-n'o á cruz. Despede-se da vida...
E á liberdade aponta!

Partiram-se as algemas n'este empenho
A humanidade inteira:
A setra é pedestal, é haste o lenho,
E a purpura bandeira!

E' bandeira que explendida voltêa
No pinaculo sagrado:
E' symbolo, mysterio, santa ideia
Do mundo resgatado!

II.

Avê, Christo! Christo Rei,
Que, no throno da montanha,
A' custa de dôr tamanha
Proclamaste a nova lei.
Foi cumprida até ás métras
A palavra dos prophetas!
«Pelo mundo penarei!»
Tinhas dito: e, n'esta scena,
Te rendeste á dura pena:
Avê, Christo! Christo Rei!

Nobre herdeiro de Judá.
Acceptaste n'essa herança
Aquella flor d'esperança,
Que no mundo não se dá.
Era do ceo, d'onde veio,
Abrigaste-a no teu seio
E, para fructo ser já,
Deixaste, no extremo abalo
Até ao fundo rasgal-o,
Nobre herdeiro de Judá!

Das rosas de Jericó
Foste vergantea florida
Soffreste. Deixaste á vida
O que era da vida—o pó!
Nas miserias do Calvario
Dever quizeste um sudario
A piedoso alheio dô!
Para ser do mundo a estrella
Murchou-se a rosa mais bella
Das rosas de Jericó!

O signal da Redempção
Deste no soffrer supremo.
Que exemplo! Teu brado extremo
Foi um brado de perdão.
O ferro da cruz lança
Abriu a porta de alliança
No exgotado coração;
Dos algozes o delirio
Fez do lenho do martyrio
O signal da Redempção.

O mundo já livre é:
Nem ha de mais ser vendido:
Porque do sangue vertido
Forte se faz toda a fé:
E esse sangue, espadanado
Do divino aberto lado,
Diz á terra: «Espera e cre!»
São só do amor estes laços
Do martyr nos rôtos braços
O mundo já livre é.

III.

Que faz, n'este holocausto venerando
Das nações o clamor?

Irá no pó dos seculos medrando
O Verbo do Senhor.

A cruz será nas provas da constancia
Raio de um novo sol:
E brilhará nas trevas da ignorancia.
Como eterno pharol.

E em vão, cruzando o raio, a vaga irada
Vas later-lhe ao sopê,
Como o fogo da Vesta fabulada,
Arde o lume da fé.

Multiplica-se a cruz: cobre a cidade,
O campo e a serra agreste;
Levanta-se aonde avulta a humanidade,
No loiro... e no cypreste!

Sôbe do colmo á cupula proclara:
No universo discorre:
Peleja e marcha; marcha e nunca pára;
Padece; mas não morre!

MENDES LEAL.

TREBULOS

I.

O sol a declinar
Principia a esconder-se no occidente,
Purpureando d'uma cõr ardente
O vasto azul do mar.

II.

Os rouxinões amantes,
Que cantam ao sol p'or as symphonias
De canticos sonoros d'alegrias,
Já trinam palpitantes.

III.

Os sinos da capella,
Deixam ouvir o toque das trindades;
Ladram os cães ás portas das herdades,
Fazendo sentinella.

IV.

Os rudes lavradores,
D'encalao hombro e fartos de trabalho,
Vão para casa em busca do agasalho
Do lar dos seus amores.

V.

Caminham pela estrada
Carros de bois d'uma apparencia ruda;
Ouve-se ao longe a agua d'um açude
Cahindo estonteada.

VI.

Morcegos d'aza escura
Pairam sinistros, rentes dos telhados;
Apparecem os astros constellados
Brilhando pela altura.

VII.

Por entre as ramarias
Sentem-se as aves procurando o ninho;
O vento faz balhuciar no linho
Modestas symphonias.

VIII.

A lua vem surgindo
Com luminoso e limpido cortejo...
No entanto, flôr, não val, quanto vejo,
O nosso amor infundo.

ABILIO MATA.

O «Regenerador»

Por mais que tentemos fazer
entrar na ordem essa lumina-
ria idiota, sargeta das mais
torpes calinadas, repositório dos
mais tremendos desconchavos,
nada até hoje temos conseguido,
porque os onagros que ahí
pinoteiam, são duros de bocca,
resistindo mesmo ás fortes es-
poradas que lhes temos applica-
do nos lombos lazarentos, e ás
compressas methodicamente ad-
dicionadas aos artelhos constel-
lados de esparavões.

Lançam-nos á margem e ao
pasto, elles, os pobres diabos,
que nem ao pasto podem ir,
porque o dono receia, por cer-
to, ter de recorrer aos tribu-
naes e aos meirinhos, quando
por ventura deseje receber com
a promptidão legal o producto
da herva consummada.

Não seja asno o snr. localis-
ta; deixe esse modo de vida,
porque nada lhe está a calhar;
agarre-se ao que lhe dá mais
rendimento; não force esse bes-
tunto de pederneira, não pre-
tenda arrancar d'essa mioleira

pejada de teias de aranha o
que lá nunca existiu nem já-
mais poderá existir.

Nós temos visto, conhece-
mos até muito parlapatão, mui-
tos pedaços de anno, que vão
ás praças publicas exhibir umas
valentias truanescas de pala-
vriados, contra o homem que
lhes offendeu a familia no que
por certo lhe deve ser mais ca-
ro, e que depois, sem se lem-
brarem do papel anteriorme-
te representado, abraçam essa
individualidade, esse miseravel
ser abjecto, porque entre a
honra offendida e o vencimento
d'uma eleição, entenderam na
sua alta *sabedoria* e na sua alta
dignidade inclinarem-se pelo
ultimo caso.

Ao finalisar, diremos ainda
ao localista que, se por acaso
entender na sua ingente bestia-
lidade dever continuar a diri-
gir-nos couce de besta de al-
mocreve, aqui nos encontrará
ás suas ordens para lhe res-
ponder como merece; nós sa-
bemos tambem, quando assim
o queremos, applicar sobre o
costado de taes alimarias, com
pulso vigoroso e forte, um
fueiro rigido e nodoso.

Que reinação!

Quando chegou a esta villa
a fausta nova de ter sido ap-
provada a eleição do snr. de-
putado Pimentel, rompeu o en-
thusiasmo por todos os poros
das damas e cavalheiros, illumi-
naram-se fachadas, estouraram
foguetes, e ergueram-se vivas,
que resavam assim:

Viva o snr. Angustio Pimen-
tela!
Viva o snr. Faria piqueno!
Viva o snr. Joaquim do Ce-
go!

Enfermo

Encontra-se ha dias bastante
incommodado, em Vianna do
Castello, onde foi visitar seu
pae o exc.^{ma} cavalheiro Rocha
Páris, o snr. visconde da Torre,
digno presidente da camara
d'este concelho e deputado por
Valença.

Fazemos votos pelo seu ra-
pido restabelecimento.

Um influente cahido!

O snr. Amaro d'Azevedo,
desesperado com o resultado
da eleição na assemblea de Pe-
nella, ferido profundamente no
seu orgulho de galopim de 2.^a
classe, furioso com a sorte que
a urna lhe dictou—em logar de
curtir com paciencia os seus des-
gostos, convencendo-se que (as-
sim como muitos outros de igual
tomo) só é influente e só tem
valor quando a auctoridade o
protege com as suas boas gra-
ças—encarregou pessoa da sua
familia de descompor aquelles
dos nossos amigos que mais con-
tribuiram para a tremenda sova
que a urna inflingiu á filaucia
paparreta do dito snr. Amaro.

Assim é que no *Ecco do
Lima*, periodico de Ponte do
Lima, veio um estrado com-
municado, do tamanho da legua
da Povoa, no qual a gramma-
tica e o bom senso foram igual-
mente maltratados, em que, por
entre chalaças e chufas pelin-
tras, se faziam referencias ao
snr. Manoel João d'Oliveira e
a outros amigos nossos de Por-
tella de Penella.

Quer-nos parecer que o auc-
tor da cataplasma empregaria
melhor o seu tempo seguindo o

honrado mister de sapateiro,
visto que por as letras não pro-
mette ir longe. Em todo o caso
publicamos a resposta que os
offendidos entenderam dever
dar ao sarrafaçal.

Ella ahí vae tal como a en-
contramos na *Voz do Lima*,
jornal que vê a luz da publici-
dade em Ponte do Lima:

AS ELEIÇÕES DE VILLA VERDE

Assim principia um disfarça-
do anonymo, ainda que com o
supposto nome de Leão Victor
d'Araujo, na secção de corres-
pondencias do *Ecco do Lima*
que vê a luz publica na formo-
sa villa de Ponte do Lima; n.^{os}
2:077 e 2:079.

Para podermos responder a
tantas parvoices, falsidades e cal-
umnias, necessario é que o tal
anonymo «Leão» dispa a mas-
cara, com que pretende enco-
brir-se, e appareça, se pôde, de
viseira levantada assignando o
seu proprio nome.

Depois sim; ter-nos-ha de
frente, a destruir, uma por uma,
todas essas falsidades e cal-
umnias, de Gramadas á Rosi-
nha, não como anonymo, mas
com o nosso humilde e obscuro
nome, que, com honra e digni-
dade, presamos, e preferimos
ao de qualquer cavalheiro, com-
mendador ou fidalgo, que a não
tenha.

Bem sabemos o quanto lhes
havia de custar a soffrer a der-
rota monumental do dia seis de
Março, na assemblea de Penella,
e que não podem perdoar
ao que já uma vez os salvou
d'outra; mas tenham paciencia.

O tempo do «quero, posso e
mando», á maneira dos capi-
tães-móres, já passou.

Os tempos d'agora são mui-
to outros—entende, snr. ano-
nymo?

Se se dignar apparecer a des-
coberto, voltaremos á carga; do
contrario, nem mais uma pala-
vra.

Os offendidos.

Desamortisações

Nos dias 30 e 31 de Maio e
1 de Junho proximo, serão ar-
rematados perante o governo
civil de Braga, com o abati-
mento de 30 por cento, diversos
toros impostos em bens situa-
dos no concelho de Villa Ver-
de; e com o abatimento de 60
e 80 por cento serão arremata-
dos tambem nos dias 5 e 7 de
Maio proximo diversos fóros
pertencentes ao cahido da Sé
Primaz, á capella da Senhora
da Piedade, erecta na Sé de
Braga, á Real Irmandade da
Misericordia é á camara muni-
cipal de Guimarães, impostos
em bens situados nos concelhos
de Villa Verde, Guimarães e
Braga.

Deputado por Valença

A um nosso collega de Va-
lença, dizem de Villa Nova da
Cerveira o seguinte acerca da
visita que alli fez o deputado
por aquelle circulo, o snr. vis-
conde da Torre:

«No comboyo descendente de
20 do passado mez, á 1 e meia
da tarde, chegou a esta villa,
vindo de Valença, o nobre vis-
conde da Torre, deputado por
este circulo. Na estação aguar-
dava-o crescido numero de ca-
valheiros, dos mais gradados do
concelho, que o acompanharam
até casa do digno administrador
do concelho, snr. José Cesar
Pereira Pinto Maldonado.

A sua entrada na villa foi saudada com musica e foguetes. Na habitação d'aquelle cavalheiro agradeceu aos eleitores d'alli e assegurou-lhes que se esforçaria por continuar a merecer a confiança que n'elle depositaram, elegendo-o seu representante em cortes. N'este discurso, verdadeiramente eloquente, s. exc.^a revelou, conjuntamente com uma excessiva modestia, o elevado talento que possui.

O snr. José Elias Soares Romeu saudou o nobre visconde da Torre e enalteceu as suas distinctas qualidades. Em seguida o illustre fidalgo da Loureira, snr. Francisco de Sousa Cadaval, agradeceu em seu nome e no de todos os seus amigos a subida honra que s. exc.^a acabava de lhes dar de ir pessoalmente agradecer aos eleitores do circulo os suffragios que lhe dispensaram, fazendo sobresahir este acto de delicadeza, em extremo apreciavel, por ser s. exc.^a o primeiro que o praticou: que aquelle concelho se ufanava por o ter eleito, por isso que os seus legitimos interesses teriam no novel deputado um propugnador sincero, pois que d'isso eram garantia as suas altas qualidades, os precedentes de sua familia, de quem sempre foi amigo, a dedicação e incontestavel influencia de seu nobre paé, por todos reconhecida.

Foi s. exc.^a visitar os paços do concelho, a igreja matriz, e percorrendo em seguida os pontos mais importantes da villa, dirigiu-se para a casa da Loureira, em Gondarem.

Alli o snr. Francisco de Sousa Cadaval offereceu, em honra do snr. visconde, um lauto jantar aos seus amigos, que correu animado e esplendido, como pôde bem avaliar quem conhece a maneira bizarra, fidalga e obsequiosa com que s. exc.^a e exc.^{ma} familia recebem. Ao *dessert* levantaram-se muitos e entusiasticos brindes.

A rainha de Portugal

Eis como o conde de Vasili falla da snr.^a D. Maria Pia no seu livro «Lá société de Rome»:

«A rainha de Portugal, formosa, intelligente, graciosa, atrahente, é loira e tem um rosto muito pallido. Os seus cabellos, de que se occupa talvez em excesso, são os mais setinosos e os mais doirados que ha no mundo, e o seu sorriso tem um irrisistivel encanto.

O rosto de Maria Pia é d'aquelles que nos impressionam o espirito e nunca mais se esquecem, porque se podem interrogar por muito tempo e ha sempre n'elles alguma cousa que descobrir.

A primeira vista parece que n'ella predomina a graça, mas por pouco que se contemple o brilho dos seus olhos e se procure lêr na expressão da sua physionomia, é o pensamento que alli se encontra.

Ha muita luz n'essa fronte, n'esses cabellos ondeados, nas azas do nariz, no labio superior.

A rainha de Portugal é das senhoras mais interessantes que se podem admirar. Tem uma figura adoravel, fórmas divinas, e veste como a mais elegante das parisienses.»

Garotada

Naoute de terça feira passada, logo que n'esta villa houvesse noticia da approvação da

eleição do snr. Pimentel, um grupo de malandrin's festejou este acontecimento d'uma maneira singular — com foguetes e bombas de dynamite, deitados sem a necessaria licença da auctoridade, e com vivorio e morras ás portas dos adversarios.

Bem se vê que a sucia achou motivo para festejos, reconhecendo que a eleição do snr. Pimentel tinha taes nullidades que só um acto de muita generosidade da parte dos adversarios a pôde validar.

São-nos completamente indifferentes estas expansões avinhadas da gente do snr. Pimentel; em todo o caso constituem ellas uma offensa á ordem publica, no respeito á auctoridade e ás prescripções legais, que é necessario punir severamente.

Por muita sympathia que nos mereça a digna auctoridade administrativa d'este concelho, não podemos deixar de lastimar que s. exc.^a não tivesse a energia sufficiente para prender e auttoar os auctores de taes proezas.

Esperamos, porém, confiadamente que s. exc.^a entregue sem perda de tempo ao poder judicial os artuaceiros; e ao digno juiz pedimos toda a energia no julgamento d'este caso, que além de constituir um crime de insultos e assuada, é uma violação dos regulamentos policiaes. E' necessario que se acabe de uma vez para sempre com este systema de festejos, que se limitam a insultos e ameaças aos adversarios. Exigimol-o em nosso nome, em nome dos nossos amigos e em nome da lei. De resto, toda a gente sabe os nomes dos promotores da desordem, capitaneados por um celebre Manoel do Poço e incitados por pessoa mais altamente collocada.

Ainda mais uma vez pedimos providencias, e não largaremos de mão o assumpto até que ellas sejam dadas.

Sempre mentirosos...

No *Regenerador* de 7 do corrente apparecem formuladas umas accusações ao nosso amigo snr. conego, abbade de Penescaes.

A' primeira vista se nos antolhou que andava alli muita falsidade, muita malevolencia politica. Não nol-o leve a mal o *Regenerador*, que tem desgraçadamente este *fraco* de mentir, quando julga vir a proposito.

Porque assim criamos, procedemos ás indispensaveis averiguações e mais nos confirmamos no nosso conceito.

O *Regenerador* está irremediavelmente condemnado no tribunal das pessoas sensatas. E' um falsario.

Como elle promettia continuar com o assumpto, esperamos a vêr se viria alguma retractação ou nova carga.

Mentiu outra vez.

Não voltou á barra.

Cabe-nos, por isso, a vez de desmascarar o sarrafaçal.

Ajudal-o-hemos nos seus clamores ao Exc.^{mo} Prelado; e se, tanto fôr mister, até pediremos providencias contra um escandalo diariamente presenciado n'uma freguezia limitrophe de Penescaes, qual é o d'uma lourra creança que, na occasião da missa conventual, foge dos braços da mãe, que é solteira, para os degraus do altar, agarrando-se com muita gracinha á alva do papásinho...

Ah sucios pustulosos! levae as cousas para este campo, que

seréis marcados com o estygma de devassos sem pudor nem respeito ás conveniencias sociaes.

Ficamos hoje por aqui, reservando o melhor para o proximo numero e prevenindo desde já o *Regenerador* — que vá procurando *testa de ferro* para tomar a responsabilidade da local assignada por um M. qualquer, provavelmente o plural da resposta de Cambronc.

Ah corja, corja!... Nós lá vamos.

Juiz d'Amores

E' grave o estado de saude do snr. Rodrigo Lobo d'Avila, juiz de direito da comarca de Amares.

A s. exc.^a foi, pelo ministerio da justiça, concedida licença de sessenta dias e approvado para o substituir, no seu impedimento, o snr. José Carlos de Sousa Azevedo.

Ausencias

Durante as ferias de Paschoa estiveram em Vieira os dignos juiz e delegado do procurador regio d'esta comarca.

— Esteve em Braga, com sua exc.^{ma} familia, o nosso presado amigo e distincto correigionario, o snr. dr. João Antonio de Sepulveda.

O Papa queimado em effigie

A 20 de Setembro de 1886 fez-se uma manifestação em Padua.

Um tal Palermo, vendedor de limonadas, querendo representar a queda do poder temporal, comprou um retrato de Garibaldi e quatro do Papa. Pendurou-os em paus, o de Garibaldi direito, e os do Papa de cabeça para baixo.

Encarregou depois um tal Ladra de os levar na manifestação patriótica.

Para isso Ladra serviu-se de cinco garotos, que ajustou por 50 centimos cada um.

Na praça de Garibaldi foram os retratos do Papa queimados aos gritos de: viva Garibaldi! *fuoco al Papa!* (o Papa ao fogo!) Dizem os garotos que foi o proprio Ladra que soltára esses gritos.

Estes factos deram logar a um processo por injurias ao Papa, que foi julgado ha dias em Palermo.

Os jurados opinaram que tudo aquillo fôra uma simples farça para protestar contra o restabelecimento do poder temporal, e não uma offensa ao Papa.

O *Monitor de Roma*, folha catholica, dando esta noticia, diz que este julgamento prova quanto é inemcaz a lei das garantias e que dignidade e segurança gosa a pessoa do Papa sob o actual regimen.

LERIAS SEM PILHERIAS

Eil-a surge. Lento e lento entra as portas de S. Bento, leda, secia, a opposição. Mas ha quem diga que o aspecto é fingido, e que no peito leva estuante um vulcão.

Que seja um pouco traquina, que seja um tanto molina, isso sim, não custa a erer. Mas serrana agaiatada não pôde ser—Educada como foi!? não pôde ser.

Serena a brisa do Tejo manso e manso põe um beijo na sua fronte em cachão. E ella geme:—E' atoarda fazerem de mim —bombarda, fazerem de mim — trovão.

De mim que sou a doçura... de mim que sou a brandura...

N'isto acode um praguento: — «Ponde em solfa essa brandura, e tereis a partitura para cantar um jumento.»

Enxota Diabos.

ANNUNCIOS

Comarca de Villa Verde EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito da comarca de Villa Verde e cartorio do escrivão Faria, correm editos de 30 dias a citar o legatario ausente em parte incerta Victorino Antonio Velloso, solteiro, de maior idade, e todos os credores incertos e herdeiros e legatarios desconhecidos, para deduzirem o seu direito e fallarem a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de Maria Antonia Antunes Costa, moradora que foi no logar do Souto, da freguezia d'Aboim, sem prejuizo do seu andamento.

Villa Verde, 2 d'Abril de 1887.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
(58 a) *Magalhães.*
O escrivão,
Manuel Henrique de Faria.

Comarca de Villa Verde ARREMATAÇÃO

Pelo juizo de direito d'esta comarca e repartição de fazenda, no dia 24 do corrente, ás 10 horas da manhã e á porta do tribunal judicial, se tem de proceder á arrematação dos se-moventes penhorados na execução que a Fazenda Nacional promove contra José Luiz Leite, da freguezia de Covas, d'esta comarca, para pagamento da quantia de 33272 réis de decima de juros do anno de 1886, além dos juros da mora, sellos e custas do processo, cujos se-moventes são os seguintes:

Uma junta de touros piscos. Villa Verde, 15 d'Abril de 1887.

Verifiquei. — O vice-presidente da camara, servindo de substituto legal do juiz de direito, na ausencia d'esto—*Rodrighes.* (59 a)

O escrivão da fazenda,
João Augusto de Seizas.

Comarca de Villa Verde EDITOS DE 30 DIAS

No inventario officioso a que se procede por obito de José Joaquim de Sá, morador que foi no logar do Sizão, freguezia de Barros, d'esta comarca, correm editos de 30 dias a citar todos os credores e legata-

rios desconhecidos ou domiciliados fóra d'esta comarca, nos termos e para os fins dos §§ 3.º e 4.º do art. 696 do Cod. do Proc. Civ.

Villa Verde, 30 de Março de 1887.

Verifiquei a exactidão.
(56 a) O Juiz de Direito,
Magalhães.
O escrivão,
Gaspar Augusto Telles.

Comarca de Villa Verde EDITOS DE 30 DIAS

No inventario de menores a que se procede por obito de José Antonio Antunes, morador que foi no logar de Bouças, freguezia de S. Martinho do Valbom, d'esta comarca, correm editos de 30 dias a citar os co-herdeiros Manoel Joaquim e João José, solteiros, maiores, ausentes em parte incerta no Brazil, bem como todos os credores e legatarios desconhecidos ou domiciliados fóra da comarca, nos termos e para os fins dos §§ 3.º e 4.º do art. 696 do Cod. do Proc. Civ.

Villa Verde, 30 de Março de 1887.

Verifiquei a exactidão.
(57 a) O Juiz de Direito,
Magalhães.
O escrivão,
Gaspar Augusto Telles.

Comarca de Villa Verde EDITOS DE 30 DIAS

No inventario de menores a que se procede por obito de Antonio José de Araujo Soares, morador que foi n'esta freguezia e comarca de Villa Verde, correm editos de trinta dias a citar o co-herdeiro João Maria Soares, solteiro, maior, ausente, bem como os credores e legatarios desconhecidos ou domiciliados fóra da comarca, nos termos e para os fins dos §§ 3.º e 4.º do art. 696 do Codigo do Processo Civil.

Villa Verde, 22 de Março de 1887.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
Magalhães.
(55 a) O escrivão,
Gaspar Augusto Telles.

FLOR DE MYOSÓTES ROMANCE ORIGINAL POR ALBERTO PIMENTEL.

A' venda brevemente.

BREVE ESTUDO SOBRE A ILHA DE MOÇAMBIQUE

Acompanhado d'um pequeno vocabulario portuguez-macica

POR AYRES DE CARVALHO SOVERAL

Preço 100 rs. — A' venda na Livraria Internacional de Ernesto Chardron, casa editora, Lugan & Genelioux, succasores — Porto.

Privilegio exclusivo por 15 annos

ELIXIR DEPURATIVO VEGETAL DE CARDOSO

Pharmaceutico plenamente approvado pela Eschola Medico-cirurgica do Porto

Este excellentissimo medicamento é ha muito tempo applicado palos exc.^{tos} medicos com bom resultado contra as molestias de pelle, como: herpes, pustulas, erysipela, sarna, ulceras. No rheumatismo, escrophulas, syphilis em todos os graus e mais molestias provenientes d'ella, e do uso excessivo do mercurio.

Emfim em todas as molestias que tem origem na impureza do sangue.

Deposito em Braga, pharmacia dos Orphãos.

Deposito em Villa Verde, pharmacia Central.

PREÇO DO FRASCO 600 RÉIS.

(55 a)

A MARTYR

A melhor publicação de Emile Richebourg, auctor dos interessantes romances: **A MULHER FATAL, BRAMAS MODERNOS e outros**

1.^a parte, **TREVAS**; 2.^a parte, **LUZ**; 3.^a parte, **ANJO DA REDEMPÇÃO**

Edição illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos executados na lithographia Guedes, versão de Julio de Magalhães, 10 réis cada folha, gravura ou chromo 50 réis por semana, dois brindes a cada assignante.

A' sorte pela loteria — 100\$000 em 3 premios para o que receberão os snrs. assignantes em tempo opportuno uma caudela com 5 numeros.

No fim da obra — um bonito album com 2 grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaría e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empresa editora Belem & C.^a, rua da Cruz de Pau, 26, 1.^o — Lisboa.

BIBLIOTHECA DO CURA D'ALDEIA

211, Rua do Almada, 217 — Porto

A FELICIDADE

POR

HENRIQUE PERES ESCRICH

Está em distribuição o primeiro fasciculo d'este notavel romance, que pôde sem receio entrar no santuario da familia. É ornado de primorosas gravuras de pagina, cujas gravuras serão distribuidas gratuitamente a todos os snrs. assignantes.

Recommendamos a leitura d'esta esplendida obra aos amadores dos bons livros.

Condições da assignatura para as provincias:

A expedição é feita de quinze em quinze dias, com a maior regularidade, aos fasciculos de 96 paginas e uma gravura, pelo modico preço de 120 réis cada fasciculo, franco de porte, pagamento adiantado. Nas terras onde a empresa não tiver correspondentes, as pessoas que desejarem assignar deverão remetter no acto de fazer a assignatura a importancia de um ou mais fasciculos.

As pessoas que enviarem quantia não inferior a 600 réis, receberão na volta do correio aviso de recepção, ficando por este modo certos de que não houve extravio.

Quem angariar 10 assignaturas receberá um exemplar gratis.

A empresa precisa de correspondentes em todas as principaes terras do reino, onde ainda os não tenha; garantido aos mesmos uma commissão vantajosissima. Recobe propostas n'este sentido.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á **EMPRESA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA**, editora, 211, rua do Almada, 217 — Porto.

BIBLIOTHECA DE PROPAGANDA RELIGIOSA
(OPUSCULO QUARTO)

OS PROBLEMAS

DO

SEculo XIX

Conferencias do Cardeal Alimonda pregadas na igreja metropolitana de Genova.

Editor — J. C. P. da Cruz

Preço 100 rs. — A' venda na Imprensa Civilisação, Santo Ildefonso, 73 a 77 — Porto.

A Estação

Journal illustrado de Modas para Senhoras publicando annualmente:

24 numeros de 8 paginas, illustradas com mais de 2000 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para criança, enxovas, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhadados, objectos de mobilia, adornos de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz a ponto de marca, de ornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, caubraia ou filó, renda irlandesa, bordado em filó, crivos — todo o trabalho de tapeçaria, tricôt, croché, frivolité, guipure, ponto stado, renda de bilro — flores de papel, panno, ponnas, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minuciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogramas, iniciais e alphabeta completos para bordar em relivo ou a ponto de marca, 200 moldes pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes de que se compo o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, soutache, etc. Cumpre notar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosamente e agurella por artistas de merito em formato igual ao do jornal.

Para prova da superioridade incontestavel d'essa publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contêm maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero apenas a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de **ERNESTO CHARDRON — Porto.** Principia no dia 1.^o de qualquer mez.

PREÇO EM TODO O REINO:
Um anno 4\$ 000
Seis meses 2\$ 100
Numero avulso 200

LIVRO SACRO

OU

CURSO DE DOUTINA CRISTÁ

PARA USO DAS ESCHOLAS PRIMARIAS

Coordenado conforme o novo programma do governo para o exame d'instrução primaria e elemental e d'admissão aos lyceus nacionaes, e para os meninos se habilitarem sem difficuldade a receber a sagrada communhão, etc., com permissão e approvação do Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal, Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto.

POR

FRANCISCO D'ASSIS PINHEIRO

Director e proprietario do Collegio de S. Francisco, no Porto, o socio da Sociedade de Geographia Commercial, da mesma cidade.

2.^a edição

A' venda na livraria **CRUZ COUTINHO**, editora, rua dos Caldeiros n.^{os} 18 a 20 — PORTO.

A ESTRELLA DE NAZARETH

LENDAS E TRADIÇÕES DA TERRA SANTA SOBRE A SANTISSIMA VIRGEM

POR D. LUIZ GARCIA LUNA

TRADUÇÃO DE

A. MOREIRA BELLO

COM APPROVAÇÃO DO EM.^{mo} SR. CARDEAL BISPO DO PORTO

5 VOLUMES 2\$500 rs. — Está concluida esta interessantissima obra prima de litteratura christá, o melhor romance n'este genero até hoje publicado, com um bellissimo enredo e magnificas gravuras de pagina, constituindo assim uma verdadeira joia litteraria e historica.

Vende-se em todas as livrarias do reino e na *Bibliotheca Malheiro*, de Manoel Malheiro, editor, a quem deverão ser feitas as requisições, acompanhadas da respectiva importancia, para a rua da Picaria n.^{os} 85 a 87 — Porto.

Não será satisfeita requisição alguma que não seja acompanhada da respectiva importancia.

Vende-se igualmente em Braga no estabelecimento de sola dos snrs. *Farra, Ferreira & C.^a*, Largo de S. Francisco n.^o 9.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

MANOEL JOAQUIM ANTUNES

EM VILLA VERDE

Tem á venda no seu estabelecimento todos os generos proprios d'uma casa d'esta ordem, e bem assim grande variedade de vinhos finos engarrados e bebidas brancas de todas as qualidades. Tabacos de todas as fabricas e variedade de algodões, retrozes e mais miudezas, que tudo vende por preços muito modicos.

IMPRENSA CATHOLICA

CAMPO DOS REMEDIOS N.^o 4-C

BRAGA

Acha-se estabelecida esta typographia com o fim principal de facilitar a propagação de obras catholicas populares, quer originaes de escriptores portuguezes, quer traduzidas de outras linguas.

Além d'isto offerece-se ao publico com os preços mais convidativos para a impressão de todo e qualquer trabalho typographico, desde o bilhete de visita, facturas, etc., até aos trabalhos mais importantes, em que garante toda a nitidez e promptidão.

Os snrs. editores e auctores de qualquer localidade que confiarem a esta typographia as suas obras poderão dispensar-se, querendo, do trabalho de revisão, visto haver no estabelecimento um revisor privativo, e da maior competencia.

Qualquer requisição pôde ser dirigida ao director da — **IMPRENSA CATHOLICA**, Campo dos Remedios n.^o 4-C — BRAGA.

AS OBRAS DE SANTA THEREZA DE JESUS

TRADUÇÃO PORTUGUEZA

FEITA SOBRE A GRANDE EDIÇÃO DOS ORIGINALS PHOTOGRAPHADOS, E DEIXANDO VÉR O ESTYLO E AS PROPRIAS EXPRESSÕES DA GRANDE ESCRITORA.

Vao publicar-se o 2.^o volume.

Está á venda o 1.^o vol. — **CAMINHO DA PERFEIÇÃO** — com o retrato de Santa Theréza, um formoso volume, nitidamente impresso — 500 réis.

Em Lisboa: Lavado, rua Augusta, 94; Pacheco, C. do Carmo, 6, 1.^o

Deposito: Escriptorio da lithographia Castro, rua dos Douradores, 10, onde se faz abatimento para livreiros, casas religiosas e de educação.

Em Braga: Vende-se na portaria do convento das Therezinhas.

Em Guimarães: R. de S. Damasco, Teixeira de Freitas.